

A questão democrática na visão dos educandos Proeja do Instituto Federal do Espírito Santo do campus Vitória

Vitória-ES, 15 de junho de 2014

Reginaldo Flexa Nunes

Professor de Ensino Básico e Tecnológico

Estamos vivenciando um quarto de século de estabilidade democrática no Brasil. É o mais longo período democrático do período republicano, e as manifestações de rua de 2013 trouxeram ao cenário de lutas múltiplos interesses, inclusive daqueles que defendem o retorno dos militares ao poder. A parcial realização dos direitos sociais, o aumento da criminalidade e o linchamento de suspeitos de crimes põem em cheque as instituições democráticas. A morosidade da justiça, a inoperância da polícia e a descrença nos políticos são indicadores da crise da democracia no Brasil.

Na contemporaneidade a democracia apresenta-se na forma de “democracia liberal” – onde são destacados os direitos individuais – e a “democracia popular” – onde a soberania e a vontade geral são absolutas. De Thomas Hobbes (poder absoluto) e John Locke (governo parlamentar) que são pensadores da democracia liberal à Rousseau (“vontade geral” do povo) que é pensador da democracia popular. “Em termos de seus efeitos, a soberania popular era tão impressionante ou assustadora quando o Leviathan de Hobbes” (DALLMAYR, 2001. p.18).

Com Marx a soberania popular transferiu-se para o *proletariado* e no campo político oposto surgiu a identidade coletiva na “*nação*” (nacionalismo, chauvinismo). Estes campos opostos de soberania resultaram no comunismo e no fascismo no século XX. Com o fim da URSS emergiu a política da empresa (multinacional) movida pelo interesse individual e pela lógica contratual.

Vivemos uma desilusão com a democracia. Como repensá-la com a emergência de lutas pela igualdade econômica, pelo reconhecimento das diferenças culturais, de orientação sexual, de gênero e de raça?

A **democracia participativa** ao incentivar a existência de movimentos sociais amplia o espaço político, permitindo as lutas pelas melhorias na qualidade de vida (transporte, saúde, educação e segurança), pela liberdade de expressão, pelos direitos das minorias (sexuais e raciais) (McPherson apud CHAUI, 1982, p.87). A democracia nesta perspectiva está permeada pelos critérios de eleições periódicas, direito, partidos, diversidade de reivindicações. A crítica de Marx chama a atenção para o fato que a democracia não pode ser reduzida ao sistema político, mas deve-se atentar para as condições sociais para que ela se efetive.

A questão fundamental que atenda a efetividade da democracia, talvez seja, a **informação** (quem cria, produz e distribui). Essa informação passa pelo crivo do discurso da competência (ciência) e do monopólio das empresas de comunicação (manipulação). E a questão da alienação pode ser pensada para revelar as contradições da sociedade capitalista, e isso, muito contribui para problematizar a informação que circula na sociedade.

A efetividade da democracia na sociedade moderna tem sido pensada não na eticidade (na boa sociedade – segundo os antigos filósofos), mas no controle do poder político (que é um ato de fundação histórica e, portanto, em construção permanente) para a convivência no conflito (lutas de classe) e evitar a tirania (de um homem, de um grupo, de uma classe). Assim, a democracia se efetiva quando se garante **a liberdade**:

“A Cidade é tanto mais potente e tanto mais livre quanto mais o poder, sendo de todos, não possa ser de ninguém.”(CHAUI, 1982, p.101). Onde o conflito e as diferenças não são considerados perigosos, mas a forma de existência coletiva. Para Marx a igualdade é que garante a liberdade. No entanto,

“[...] **as experiências socialistas** já empreendidas evidenciam que a nacionalização, o planejamento econômico e a socialização dos meios de produção através do Estado não trazem de modo imediato a socialização do poder político, nem as tentativas de socializar a política por meio de frentes nacionais-populares trazem consigo, ainda que de modo lento e gradual, a socialização econômica.” (CHAUI, 1982, p.112)

Por outro lado,

“Vivemos numa ordem social na qual mesmo os requisitos mínimos para a satisfação humana são insensivelmente negados à esmagadora maioria da humanidade, enquanto os índices de desperdício assumiram proporções escandalosas, em conformidade com a mudança da reivindicada *destruição produtiva*, do capitalismo no passado, para a realidade, hoje predominante, da *produção destrutiva*.” ((MÉSZÁROS, 2008, p.73)

O esgotamento das experiências (socialismo real e capitalismo) levou no Brasil a chamada “transição democrática”. O termo foi interpretado de forma diferente: para a burguesia significa conciliação, conservação dos privilégios com o consentimento dos dominados; para o proletariado, “vêm a ‘transição democrática’ como processo de libertação de sua condição de dominados” (SAVIANI, 2008, p.414). A criação da Comissão da Verdade em 2012, objetivando investigar a violação dos direitos humanos no período do Regime Autoritário (1964-1984), abriu a discussão do papel da democracia na sociedade e do seu valor na preservação da dignidade humana. E ao mesmo tempo a Comissão da Verdade colocou a necessidade de conhecer o passado e punir os que atentaram contra a humanidade, usando instituições do Estado brasileiro. A “transição democrática” parece não ter fim, enquanto esse passado autoritário não for revelado.

Visando provocar uma discussão entre os educandos do Proeja do Ifes-Campus Vitória sobre o papel da democracia na sociedade, verificar o valor que se dar a participação política e aproveitando o conteúdo da disciplina História (Período Autoritário no Brasil – 1964-1984) promover debates em sala de aula. Sugeriu-se assistir documentários/filmes e a elaboração de redações sobre o assunto.

Redemocratização? Será que somos um país democratizado? Somos um país onde uma pequena parte da população tem direitos e privilégios, hoje não temos violência física como era na época do regime militar, mas temos uma tortura ainda muito pior, pois vivemos em uma sociedade que se diz democrática mas que só cuida de seus próprios interesses. / Essa tal democracia deve ser coisa só de políticos, empresários e ricos. O resto da sociedade

ainda vive em um regime militar mesmo que de forma camuflada, sem tortura e sem pau de arara. (educanda do Proeja)

A percepção da exclusão da maioria nesta “democracia” que “deve ser coisa só de políticos, empresários e ricos” denuncia a democracia liberal no Brasil. “A teoria só se realiza num povo na medida em que é a realização das suas necessidades.” (MARX apud MÉSZÁOS, 2008, p.117). A problematização da democracia em sala de aula teve o objetivo de trazer questões evidenciadas pelos meios de comunicação nacional diante da criação da Comissão da Verdade. Muito mais que um conteúdo programático ou um conhecimento novo a democracia é tema recorrente e diz respeito à realidade vivida pelos alunos. As propagandas durante as eleições parlamentares e a negação dos direitos sociais básicos (saneamento, moradia, saúde, educação e emprego) são indicadores de provocações permanentes aos educandos jovens e adultos. A decepção com a democracia representativa e com a política coloca na ordem do dia o processo civilizatório e a identidade. O bem comum e a garantia de uma vida digna diz respeito à política que gerencia os interesses e conflitos na sociedade. Neste sentido “a educação socialista só pode cumprir seu preceito se for articulada a uma intervenção consciente e efetiva no processo de transformação social.” (MÉSZÁOS, 2008, p.95). Então, a educação sempre tem uma dimensão política independente de se ter consciência ou não disso (SAVIANI, 2008, p.72).

A consciência cidadã ainda não se consolidou quando se afirma “eu não digo pra não protestar, mas quem vai sabe dos riscos” (educando do Proeja). Riscos de levar tiro de borracha da polícia, bomba de gás e borchachadas. O uso da violência policial no Brasil contra manifestações reivindicatórias é incorporado na consciência como parte da “democracia” existente. Não se coloca em dúvida a violência policial contra o cidadão. A mudança da atual “ordem democrática” não aparece como problema e nem a que grupos de interesses ela serve. O caráter individual dos riscos da participação política (a manifestação de rua) tem um apelo isolacionista, pois o valor coletivo é ignorado: pelo que se luta, porque se luta e quem ganha com a participação em manifestações.

Mas se percebe também que “nós temos democracia se tivermos acesso a informação através do meio de Ensino” (educando do Proeja). O direito à educação é visto como um elemento do processo de consolidação da democracia. A luta pelos direitos sociais no Brasil ganhou as ruas na década de 1980 e se consumou na Constituição de 1988. O analfabetismo persiste e o tempo de escolaridade do trabalhador brasileiro ainda é baixo. Na primeira década do século XXI o elemento marcante é a retirada dos direitos: fim do princípio da solidariedade na previdência social; a parceria público-privada no setor público; as terceirizações no serviço público e nas grandes empresas; os contratos temporários de trabalho. A educação do país controlada por grupos empresariais privados e financiada pelo dinheiro público (Fies; Pronuni; Pronatec).

O século XX buscou frear a liberdade de mercado para se garantir a humanização ameaçada pelo capitalismo liberal:

Um percurso que conduziu a necessidade de buscar frear a liberdade mercantil e de sua expressão objetiva, e o acúmulo privado de capital, mediante a regulação estatal. Este frear se deu, por um lado, pela pressão da luta de classe, tendo como um marco a revolução socialista de 1917 e, por outro, fortemente demarcada por esta pressão a estratégia keynesiana de intervenção do Estado na regulação do mercado e do capital e a configuração daquilo

que alguns poucos países conheceram como Estado de Bem-Estar Social. (FRIGOTTO, 2013, p. 391).

Nesta perspectiva aparece a ideia de “democracia humanizada” em redação de educando do Proeja. Mas diante do fim da URSS e da bipolaridade mundial há um retorno ao capitalismo do século XIX, com o chamado neoliberalismo. A destruição ambiental, a retirada dos direitos sociais e a crise do capitalismo (2008) recolocam a política e a educação no centro do debate. “Pensamos que para que aconteça uma verdadeira redemocratização da sociedade brasileira, há que ser investido primordialmente na educação da sociedade brasileira, pois a educação é a base da transformação social de qualquer país” (educanda do Proeja).

A educação e o compromisso, não com a reforma, mas com a mudança social deve ser a educação socialista em que

“a moralidade da educação socialista se preocupa com a *mudança social* de longo alcance racionalmente concebida e recomendada. Seus preceitos se articulam com base na avaliação concreta das tarefas escolhidas e da parte exigida pelos indivíduos em sua determinação consciente de realizá-la.” (MÉSZÁOS, 2008, p.89)

A formação humana e preocupada com a mudança social não pode ser vista na perspectiva individual, mas coletiva. O sujeito pedagógico deve ser visto como uma “coletividade em movimento, que é educativa e que atua intencionalmente no processo de formação das pessoas que o constituem.” (CALDART, 2004, p.315). Então, os movimentos sociais assumem um papel fundamental na educação cidadã de que estamos falando. O envolvimento nestes movimentos reivindicatórios é formador de práticas democráticas e libertadoras.

Por outro lado, se os educandos do Proeja são trabalhadores e se o trabalho é formativo, a figura do educador pode ser o sindicato, o local do trabalho, o partido. Porque são as práticas sociais que formam o ser humano, e a escola não pode estar desvinculada deles (CALDART, 2004, p.320). Isso é reconhecido como elemento importante da redemocratização do Brasil: “A pressão com os protestos foi tão grande que os militares não agüentaram e foram devagar abrindo as portas para a redemocratização” (educando do Proeja). Por isso, a escola é o espaço da disputa pelo conteúdo e do método de ensinar, daí a “as parcerias público-privadas e com a ingerência na escola de institutos privados, bancos, redes de comunicação etc.” (FRIGOTTO, 2013, p.395).

A democracia liberal em que a liberdade é priorizada e a igualdade abandonada é posta em questão: “O que é necessário é formar uma sociedade com uma igualdade salarial para todas as famílias, para que possam dar uma condição de sustentação, para que seus filhos possam ter onde ficar quando trabalham.” (educando do Proeja). A humanização defendida passa pela mudança da ordem social hegemônica, que é um “processo social construído até o presente e sua forma visceralmente destrutiva não é algo natural e eterno. Pelo contrário, é uma construção feita historicamente pelo ser humano.” (FRIGOTTO, 2013, p.397). A qualidade da educação necessariamente passa por esta tomada de consciência ou autoconsciência de classe para a superação de relações sociais de dominação.

Saviani (2008, p. 60-61) defende uma “pedagogia revolucionária” que coloca a educação a serviço da referida transformação das relações de produção. MÉSZÁROS

fala do “*trabalho dos indivíduos sociais conscientemente combinados como a condição universal da vida na ordem hegemônica alternativa*” (2008, p.101).

Para CHAUI a educação deve estar a serviço da mudança, pois a sociedade democrática “não pode cessar de se reinstituir porque para ela sua gênese e sua forma são uma questão incessantemente colocadas. [...] para o qual o poder está sempre na ordem do dia porque suas contradições impedem de fixar-se numa ordem idêntica” (1982, p.103).

A prática pedagógica deve incorporar o reconhecimento que a pressão dos movimentos sociais faz parte do educar-se e libertar-se; que a educação é política porque é compromisso com o bem comum; que a teoria e a experiência na luta são processos dialéticos, portanto, inacabados e em processo permanente de mudança.

Veja alguns outros trechos das redações dos alunos sobre a democracia ou redemocratização da sociedade brasileira. Trabalho realizado no mês de fevereiro de 2014.

As turmas do Proeja são do terceiro período, cujo conteúdo compreende a República brasileira: V12 (Técnico em Segurança do Trabalho), N01 (Técnico em Edificações), N09 (Técnico em Metalurgia).

-[...] **A pressão** com os protestos foi tão grande que os militares não agüentaram e foram devagar abrindo as portas para a redemocratização. (N01)

-[...] Os militares enfrentavam dificuldades para recuperar a economia do país. Os setores de saúde e educação enfrentavam rombos enormes e a **sociedade pressionava** para que os militares deixassem o poder. (V12)

-O Brasil é um país muito desigual socialmente e racialmente, fazendo com que as pessoas mais poderosas tenham poderes para praticar este tipo de crueldade. / Temos prova disto com as reportagens que vimos na TV com crianças sendo enforcadas com homens sendo espancados até a morte por policiais ou pessoas do poder./ E assim fica **a dúvida** se estamos de novo em um regime militar oculto ou se somos **manipulados** como marionetes consumistas. (V12)

-A redemocratização para sociedade Brasileira no meu ponto de vista **é o educar**, porque no meu ponto de vista nós temos democracia se tivermos acesso a informação através do meio de Ensino que é a educação porque com educação adquirimos novos conceitos, e uma verdadeira democracia nós fazemos com respeito ao próximo e que as leis defende a todos, que são as classes baixas e altas, não defendendo somente uma classe privilegiada. Eu acho que esses são alguns pontos para vivermos uma democracia humanizada. (V12)

-Como na época da ditadura militar eram comuns as torturas contra os civis que iam para as ruas lutarem por um país mais justo, com a imagem acima vemos como nessa época a liberdade de expressão e a **luta dos que queriam o melhor para seu país** eram “solucionadas” por isso a necessidade da redemocratização brasileira, pois acredito que quaisquer ato de tortura não levaria a solucionar conflitos e sim sempre gera mais conflitos. (VI2)

-Para a redemocratização era muito complicado na época, pois o poder estava alienado a classe média e o poder era todo da ditadura. No entanto para a redemocratização foram feitos **protestos e manifestações** para que o poder militar fosse destituído e que fosse eleito um presidente escolhido pela população. E com isso as torturas praticadas contra os presos políticos foram espostos dando fim as torturas e acabando com a censura da mídia dando assim mais visibilidade a democracia. (N01)

-A democracia brasileira com o passar dos anos **tem evoluído** muito ao menos não temos as torturas que tínhamos no passado e as pessoas hoje em dia são menos severas pois a ditadura era quem mandava na época./ Hoje **com a política que temos** as pessoas são bem menos severas, pois a punição não vai levar ninguém a lugar nenhum afinal tudo o que é retirado com dor não é totalmente segura. (N01)

-No paçado os militares ditava as regras. / Mandavam espiões para investigar as pessoas que pretendiam aprontar alguma reunião contra o governo as escondida para poder torturar depois. / Com o paçar do tempo veio a revolução do povo foi aí que a çociedade criou coragem. Começaram a fazer **protestos** nas ruas./ A justificativa da imagen para a redemocratização é que os povos cansarão de ver tantas barbaridades que os militares cometiam. (N01)

-De forma que era vivida na ditadura militar não vale apenas, devido as pessoas serem torturadas e não poder denunciar./ Porem, atualmente é de grande importância a democracia ou seja os militares já não podem mais tortura, si por acaso houver tortura, podemos recorrer nossos direitos./ Portanto, **a democracia ainda é a melhor opção para viver**, e devido a isso não haja que vale a pena a redemocratização, onde não podemos ter direitos de recorrer-los. (N01)

-A Ditadura tem seu lado bom a questão de ter somente uma liderança o exercito sem que outras ideais entrem em confronto assim diminuindo o atritos entre o governo, o outro lado bom é a questão de você ter que cumprir vários requisitos fora fazer parte dessa liderança sem que possa entrar pessoas enconpentente nem liderança agora um lado ruim é a questão de tortura por que querendo ou não o ponto de vista de quem sofre tortura é ruim a **democratização é bom porque da uma liberdade** a mais para as pessoas optarem por um estilo de vida diferente do comum. (N01)

-Sim avia tortura quando fala de memória fala de lembrar das pessoas muitas pessoas são torturadas até a morte as polícias uzava das ruas próprias forças e não tinha pena de

ningem. / na democratização as coisas vai mudando aos poucos ainda existe violência já melhorou 70% alguns policiais nas escondidas ainda tira uma casquinha mais a osso e outras protegem as demais pessoas mesmo estando erradas **a democracia melhorou o país.** (N012)

-Na ausência do Estado democrático no qual o povo não tinha direitos civis participação social para calar esta luta de um país melhor as práticas de violência e atos contra o direitos humanos era justificado para a defesa de interesse elitista e antidemocrático. Voltar a um país democrático além de ser *uma luta por maior participação social* nos interesses nacionais e também uma luta constante. Democracia não é somente garantia de participação e benefícios, e sim manter e valorizar o interesse da maioria. Mas a quem serve a democracia? Qual modelo de democracia vivemos? O conceito na qual ela foi criada não é a que vivemos aonde garantir participação somente para respaldar o estado democrático! Democracia para quem tem poder econômico serve aos que não tem ficam marginalizados./ mesmo assim **é uma luta constante** viver nesta experiência de um país democrático. (N09)

Referência bibliográfica

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra.** 1 ed., São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas.** 3ª edição, São Paulo: Ed. Moderna, 1982.

DALMAYR, Fred. **Para além da democracia fugidia: algumas reflexões modernas e pós-modernas.** In: SOUZA, Jessé (organizador). Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e qualificação de jovens e adultos pouco escolarizados: promessa integradora num tempo histórico de produção destrutiva.** In: Revista PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 31, n. 2, 389-404, maio/ago. 2013.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.** 2 ed., São Paulo: Boitempo, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **História das Idéias Pedagógicas no Brasil.** 2 ed., Campinas-SP: Autores Associados, 2008.